

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL

Rua Capitão Chaves, 60

26.000 - Nova Iguaçu, RJ.

Tel. (021) 767-0472

Ano 1 Nº 10

Junho/1978.



Leia neste número:

- Futebol contra Alienação: pág.2
- O novo salário mínimo: pág.4
- História da Classe Operária no Brasil: pág.7
- Greves em São Paulo: pág.12
- Direitos Humanos: pág.10

EDITORIAL

FUTEBOL 0 X 3 ALIENAÇÃO

Para desgosto dos dominadores do povo, a Igreja, entrando no formidável e exemplar processo de auto-crítica disparado pelo Vaticano II, está cada vez mais metendo em recesso a antiga e justa acusação daquele filósofo barbudo: "A religião é o ópio do povo". A Igreja renovada, em contato com suas fontes que são a vida e a sorte de Cristo, não quer mais ser ópio do povo. Informada pelos avanços científicos, luta para operacionalizar na pastoral tudo aquilo que as ciências descobriram como sendo a essência do homem.

O que se dizia da Igreja antigamente pode-se dizer agora do que os dominadores estão fazendo com o futebol. O futebol, num país de massas impedidas de participar, foi transformado no verdadeiro ópio do povo sofrido. O Império Romano celebrizou e deu de herança um feixe de molas das angústias populares: "O povo está ficando inquieto? Dêem-lhe pão e circo." Não sei se o Império Romano deu pão a tanta gente, mas não se pode negar que, no Império Tropical, a grande maioria do povo explorado tem de se contentar com a metade da proposta: "O povo está ficando inquieto? Dêem-lhe futebol". Pão, que é bom e indispensável para sustentar a dignidade humana, perguntem ao salário mínimo se dá para adquirir.

Zé dasilva acorda às 4 da manhã, na hora de deixar o barraco e caminhar um quilômetro até o ônibus que o leva até o trem que o leva até a cidade, para pegar outro ônibus que o leva até a zona-sul, a fim de bater prego até o meio-dia; para um pouco para comer a marmita, a fim de bater prego até de tarde, para depois tomar o ônibus que o leva ao trem, que o leva ao outro ônibus, que o leva até a boca do mato, onde se esconde o barraco de tijolo nu. Entra dia sai dia, entra semana sai semana, entra mês sai mês, entra ano sai ano, a rotina acachapante é interrompida, a cada 30 dias, pelo escárnio maior do salário de fome. Para uma vida tão doente, os médicos do sistema receitaram: futebol, como válvula de escape da agressividade comprimida.

Os dominadores do povo sabem tomar partido e faturar nosso entusiasmo natural, muitas vezes ingênuo e inconsequente, pe-



lo futebol. Futebol é então identificado com pátria e dignidade nacional: "Viva o Brasil. Nós vamos ganhar a guerra. O Brasil não pode perder". E deixamos escapar como um botijão furado, em defesa da "dignidade nacional", a agressividade, dimensão normal e positiva, que devia ser canalizada para mover os moinhos na solução dos verdadeiros problemas. E não são poucos: união e solidariedade da classe operária, senso de dignidade que exige respeito, consciência de reivindicação, participação na comunidade, salários que não sejam insultuosos, etc... Para não falar em mortalidade infantil no meio dos pobres, analfabetismo,

subnutrição e falta de quase tudo. Esses e outros são os problemas reais, não resolvíveis por bolas entrando no gol.

Mas a consciência já está nascendo no povo. Descobrimos, a duras penas, que o que nos une e torne iguais é muito mais forte do que o que nos separa. Por exemplo: a distinção de nacionalidades. Até vermes nascem em qualquer dia e em qualquer lugar. Brasileiros ou não, somos todos iguais naquilo que realmente importa: o esforço e o caminho a percorrer para termos condições de sermos gente. Mais que qualquer outro, o cristão é um cidadão do mundo, porque tem consciência da fraternidade universal. Ele sabe que limites geográficos podem até ser usufruídos como legitimação de opressões.

Partindo da consciência de sermos todos iguais e irmãos, partindo do aproveitamento que se faz do futebol para aliar o povo de seus verdadeiros problemas, não sei se não seria justo que, na Copa, vencesse a representação de um povo que tivesse mais motivos de orgulho nacional e de verdadeiras alegrias.

EDITORIAL

AS LEIS, O SALÁRIO MÍNIMO E A REALIDADE.

AS LEIS

* O Artigo 81 da Consolidação das Leis Trabalhistas, estabelece que o salário mínimo é igual à soma das despesas com alimentação, habitação, vestuário, transporte e higiene.

De acordo com os cálculos oficiais usados para a definição do salário mínimo, esses itens do Artigo 81 têm o seguinte valor hoje:

alimentação...	50 %	...	Cr\$ 780,00
habitação.....	25 %	...	Cr\$ 390,00
vestuário.....	13 %	...	Cr\$ 202,80
higiene.....	6 %	...	Cr\$ 93,60
transporte....	6 %	...	Cr\$ 93,60

* O Decreto-Lei Nº 399 de 1938 e em vigor ainda hoje, estabelece a seguinte ração alimentar mínima mensal para 1 trabalhador adulto:

6,5 kg de carne	6,0 kg de batata	7,0 dz de banana
7,5 l de leite	9,0 kg de tomate	3,0 kg de açúcar
4,5 kg de feijão	6,0 kg de pão	750 gr de banha
3,0 kg de arroz	0,6 kg de café	650 gr de manteiga
1,5 kg de farinha de trigo		

Tudo isto custa hoje no Rio de Janeiro Cr\$ 568,00.

* O Artigo 158 da Constituição Federal assegura que o trabalhador tem direito a um salário mínimo capaz de satisfazer às suas necessidades normais e de sua família.

A REALIDADE

Uma família composta do casal com 2 filhos teria que gastar hoje para seguir a ração acima estipulada Cr\$ 1.704,00 - isto é - mais que o dobro que hoje lhe são destinados (780,00).

Tão irreal quanto o valor atribuído à alimentação é o que a lei

destina para os itens habitação e transporte. No caso da habitação a lei estipula Cr\$ 390,00 por mês.

Uma casinha pequena (quarto e sala) em Nilópolis (Nova Cidade) - bem longe da estação - custa Cr\$ 500,00 por mês. Um quarto sem banheiro na parte baixa da Rocinha, no Rio, custa Cr\$ 1.000,00.

A prestação média de um apartamento ou casa nova da Cehab, segundo informa a própria empresa, é de Cr\$ 750,00.

O mais barato custa Cr\$ 500,00, bem acima dos Cr\$ 390,00 destinada pela lei do salário mínimo à habitação.

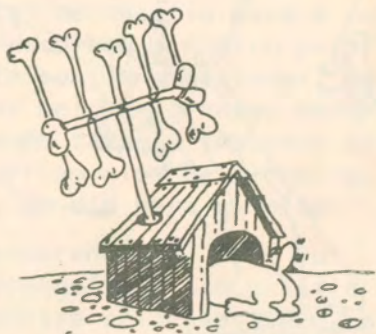
Os itens habitação e transporte têm uma relação entre si. Se o trabalhador paga pouco de condução, morando em locais perto do trabalho, como na Rocinha, tem que arcar com alugueis astronômicos para a sua faixa de salário. Se gasta pouco com habitação, vai gastar muito com condução.

Por exemplo, se você mora em Nilópolis longe da estação, você gasta Cr\$ 1,90 até a estação, mais Cr\$ 1,50 do trem e mais Cr\$ 1,3 da Central até o trabalho. Ida e volta o custo diário chega a Cr\$ 9,40, o que dá Cr\$ 235,00 por mês. Isto é mais do que o dobro da cota oficial que é de Cr\$ 93,60.

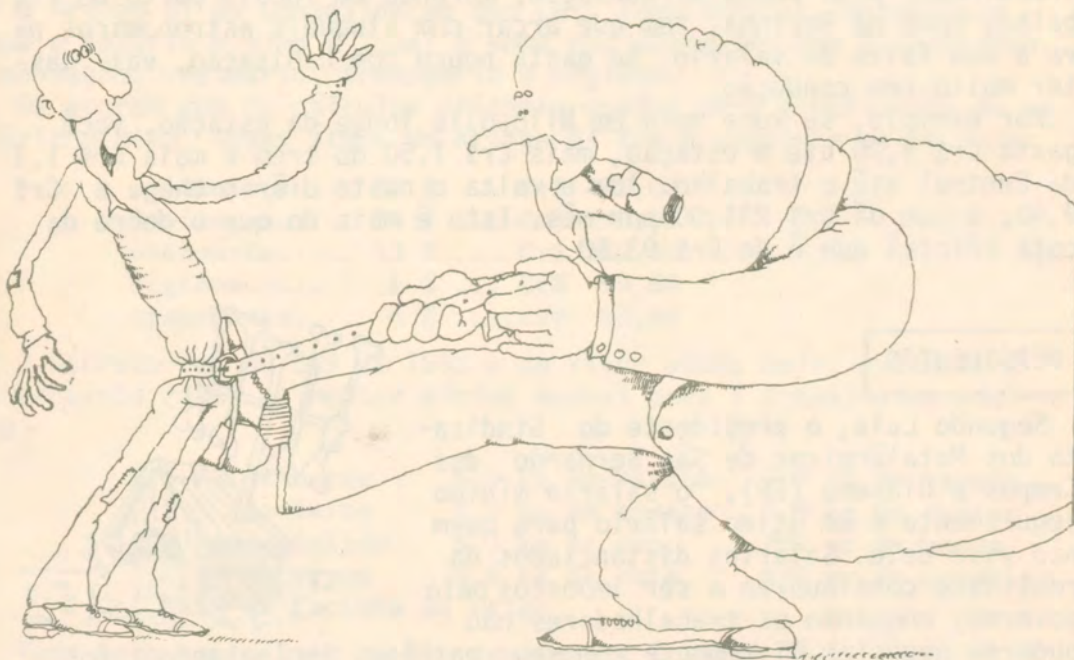
DEPOIMENTOS

Segundo Lula, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo dos Campos e Diadema (SP), "o salário mínimo seguramente é um ótimo salário para quem não vive dele. Salários distanciados da realidade continuarão a ser impostos pelo governo, enquanto os trabalhadores não puderem negociar livremente com seus patrões, implantando, por exemplo, o contrato coletivo. A melhor constatação de que no Brasil não são respeitados os Direitos Humanos é o próprio salário mínimo.

Manoel Moreira da Silva é um Paraibano que hoje mora na Rocinha, em barraco próprio. Servente de uma obra em Botafogo, Manoel passa os fins de semana e feriados fazendo biscates nas redondezas. Quando chega em casa, está sempre cansado. Come e vai dormir. "Há doze anos que a gente não vai ao cinema", confessa sua mulher, "o Manoel gasta tudo o que ganha em comida, pois quer ver todo mundo aqui comendo bem. A gente não descansa, não se diverte, eu nunca saio de casa. Mas aqui ninguém passa fome.



Pedro Ezequiel é ajudante de caminhão, e para ganhar mais que o mínimo, tem que fazer horas extras. "O salário - diz ele - não dá nem pro café. Pra falar a verdade, eu peço dinheiro aí pela rua, quando vai chegando o fim do mês. Me diga uma coisa, por que uma pessoa que dá chute numa bola ou fica num escritório sem fazer nada ganha Cr\$ 50.000,00 e às vezes até mais do que Cr\$ 100.000,00, tem mais valor do que a que faz trabalho no braço? Se não se fizer o trabalho pesado quem é que vai fazer? O doutor que está no escritório? Não vai não. Não dá pra entender. E é por isso que a gente sente vontade de se endoiar todo".



Você e a sua comunidade estão convidados a um

DIA DE ORAÇÃO

PEDINDO POR VOCAÇÕES RELIGIOSAS E SACERDOTAIS

na CASA DE ORAÇÃO da diocese (na Posse) - no dia 14 de junho
das 07.00 às 19.00 hs - leve lanche ou compre lá mesmo

HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL (1)

Este será o primeiro de uma série de artigos sobre a "História da classe operária no Brasil", a partir do início do século XX

Pode-se dizer que a história da classe operária no Brasil começou com a abolição da escravidão em 1888, e o início do período republicano. Sem o braço escravo, os fazendeiros de café tiveram de contratar assalariados. Como muitos escravos não quisessem mais voltar às fazendas, o recurso foi intensificar a entrada de imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, alemães, japoneses, mão de obra ociosa, nesta época, em seus países de origem.

A cana de açúcar não era mais a principal fonte de riqueza, mas a exportação do café, e depois, do cacau e da borracha, acumularam muito dinheiro, criando o capital necessário para a implantação de indústrias. Também o governo recolheu dinheiro para empréstimo e obras públicas, principalmente portos e estradas, e procurava obtê-lo por diferentes modos: por meio de grandes emissões, o que provocava inflação, e por meio de taxas e impostos aduaneiros. Assim nos fins do século XIX corriam rios de dinheiro, e crescia a febre do enriquecimento fácil, do dia para a noite.

As condições do trabalho davam esperanças de bons lucros e atraíam os capitais, nacionais e estrangeiros. Não existia nenhuma lei de proteção ao operário, nem contra acidentes, nem horário de trabalho, nem férias, nenhuma garantia. Foi assim que logo depois da libertação dos escravos as indústrias cresceram muito. No fim do Império havia no Brasil cerca de 600 fábricas. De 1890 a 1895 foram fundadas 425 novas fábricas.

a indústria
cresce de
qualquer jeito

No fim do século, a desordem financeira tinha chegado a tal ponto que o governo de Campos Sales decidiu pôr ordem na economia. Cortou os empréstimos e aumentou os impostos. Em consequência, ficou paralizado o aumento das indús-

trias até 1902.

Sendo novas e inexperientes, as fábricas não conseguiam

produtos bons e baratos como os estrangeiros. Alguns industriais pediam ao governo duas medidas capazes de favorecer os produtos nacionais: ajuda econômica e elevação das taxas para os produtos iguais que vinham do estrangeiro. Eles tinham razão. Os comerciantes e firmas representantes das empresas estrangeiras eram contra. Também os fazendeiros produtores de café para exportação, que eram prejudicados pela proteção do governo à industrialização, diminuindo os empréstimos para a plantação de café.

Mas as fábricas continuavam a aumentar de qualquer jeito porque havia condições para isso. Já vimos algumas destas condições: a acumulação de dinheiro procurando novas maneiras de obter lucro, a mão-de-obra barata, o crescimento do consumo interno, a construção de ferrovias e portos para exportação de café, e por onde podiam chegar as máquinas importadas, a instalação de usinas hidroelétricas.

Com todos estes fatores ajudando, a indústria atingiu 3.258 fábricas e 150.800 operários em 1907. Em 1920, os operários chegavam a 275.000.

Não devemos esquecer que a grande maioria destes operários eram estrangeiros. Em 1900, 90 % dos trabalhadores de indústria, em São Paulo, eram estrangeiros.

as condições
de vida
dos operários

Os salários sendo baixíssimos, e o custo de vida muito alto, as mulheres e crianças tinham de trabalhar. Em 1912, 67 % dos operários das indústrias de tecido, em São Paulo, eram mulheres. Em 1919, 50 % dos operários de fábrica,

tinham menos de dezoito anos.

No desejo de ganhar dinheiro rapidamente, empregando um mínimo de capital, os capitalistas instalavam suas fábricas sem nenhum cuidado, em qualquer casa velha ou velho galpão, sem luz, abafados e sem instalação sanitária. Os operários eram obrigados a trabalhar pelo menos doze horas por dia. A tuberculose e outras doenças infecciosas faziam milhares de vítimas.

Mesmo com as mulheres e crianças trabalhando, o nível de vida do operário era praticamente de miséria. Não havia leis de proteção ao trabalho. Quando caía doente, o operário era dispensado sem direito algum.

As condições de habitação eram horríveis, nas favelas, mocambos e cortiços, onde, sem instalações de higiene, famílias

inteiras se acumulavam num único quarto, sem luz nem água.

Notícias dos jornais da época podem nos dar uma idéia da dureza da vida operária. Em 1904, o governo obriga o povo a vacinar-se e decide destruir os cortiços infectos, porque eram focos de doença para a cidade.

O Jornal "A Plebe", de 18 de setembro de 1919, dizia: "despediram ontem, sem mais nem menos, 17 operários ... e foram substituídos por menores, porque os meninos se contentam com pequena remuneração".

Em 1917, um jornal de São Paulo contava: "Assistimos ontem à entrada de cerca de 60 pequenos, às 19 horas, na fábrica da Mooca. Essas crianças, entrando àquela hora, saem às 6 hs. Trabalham 11 horas, em serviço noturno, com descanso de 20 minutos, à meia noite. Queixam-se de que são espancados. Muitos nos mostraram equimoses nos braços e nas costas. Há uma criança com as orelhas feridas por continuados e violentos puxões. Trata-se de crianças de 12, 13 e 14 anos".

Além de toda essa dureza da vida material, os operários eram humilhados, tratados com brutalidade e sem nenhum respeito.

(segue no próximo número)



DIREITOS HUMANOS

Com a presença de mais de 200 pessoas, realizou-se no Centro de Formação, Moquetá, uma palestra sobre Direitos Humanos. A palestra/debate foi ministrada por Dom José Maria Pires, a convite da Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Paulo Amaral, um dos integrantes da C.J.P., agradecendo a D. José, disse que ele foi convidado pelo seu trabalho e sua luta em favor dos oprimidos.

Ao iniciar a palestra, D. José afirmou que : "sofro na carne a violação dos Direitos Humanos, porque sou filho de negro com índio e bisneto de uma escrava". D. José continuou dizendo acreditar na união dos pequenos como única força capaz de transformar a sociedade. Não devemos esperar modificação do governo, visto que foi feita uma revolução em nome dos Direitos Humanos, e no entanto a violação hoje é pior que há 14 anos.

Definindo a posição da Igreja na luta pelos Direitos Humanos, D. José disse que sua função é apejar e animar. Após afirmar que o que nos dirige é a mensagem de Deus, D. José foi buscar na Bíblia a explicação ante a violação dos Direitos Humanos. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Desrespeitar os Direitos Humanos é desrespeitar a Deus. No entanto, desde o início a força vem dominando os direitos.

Dando prosseguimento, D. José passou a analisar o porquê do Cristo nascer na pobreza. "O fato de Ele haver

se tornado um servo, é muito significativo para a defesa dos Direitos Humanos". Cristo lutava pelos direitos dos injustiçados: orfãos, prostitutas, pobres, marginalizados. Quem são os injustiçados hoje ? São os que não têm vez, nem voz, nem poder. São os assalariados que não ganham o suficiente; os que não têm casa para morar; os que são despejados; os que por desespero são levados ao crime. Injustiçado é aquele que vende suas férias para poder sobreviver ou que aproveita o período para trabalhar em outro lugar (isto quando a empresa não as compra). Injustiçado é quem é preso e acusado sem direito; é quem não tem vez de escolher seus governantes; é aquele que vende seu corpo para poder sobreviver. Estes são os injustiçados a quem Deus quer que sejam defendidos os seus direitos antes de qualquer coisa.

Voltando a falar na posição da Igreja na luta pelos Direitos, D. José considerou como um passo para a libertação, que só acontece quando os homens começam a se encontrar. A bandeira dos Direitos Humanos não consiste em dar direitos e condições a alguns, mas libertar o homem da escravidão, do egoísmo. Nisso, a Igreja não pode se considerar dona do processo, mas animadora. A Igreja tem obrigação de dizer a cada homem que sua função é lutar por uma sociedade mais justa e fraterna. É preciso dar direitos também a quem apenas tem o reconhecido pela lei. Há muita coisa que parece legal, mas não é legítimo, e isso, na realidade não é direito.

greve

A última greve de maiores proporções ocorreu em 1968, na cidade de Osasco em São Paulo e também em Contagem, Minas Gerais. 10 anos depois, exatamente a 11 de maio de 1978, os trabalhadores da indústria Saab-Scania (estrangeira), voltaram do almoço e não ligaram suas máquinas. Dois mil operários dessa indústria pararam de trabalhar, reivindicando um aumento de 20 % no salário. No dia 15 11.000 operários da Ford do Brasil (estrangeira) também pararam suas máquinas pelo mesmo motivo. Nos dias seguintes continuou, na Mercedes-Benz, 14.000 operários, na Motores Perkins, cerca de mil operários, e ainda na Rhodia, Chrysler, General Eletric, Philips, Cofap, Firestone, Isam, General Motors, Volkswagen (5.000 pararam) Equipamentos Villares e em mais 7 empresas.

Mesmo considerada ilegal pelo Tribunal Regional do Trabalho, a paralização continuou, com o objetivo de obter 20 % de aumento.

Unidos, os trabalhadores forçaram os empresários a discutir o assunto. Em várias empresas, patrões e operários já chegaram a um acordo. Em outras, os patrões pediram um prazo para a resposta, o que foi concedido pelos operários.

No dia 27 de maio, isto é, a duas semanas do início da greve, a única grande empresa em São Bernardo do Campo onde ainda existe a paralização é a Equipamentos Villares, onde 3.700 trabalhadores mantêm a empresa parada porque a direção da empresa não chegou a um acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos.

Assim, a greve dos trabalhadores parece prestes a terminar com grandes lições e algumas vitórias. As lições para todos nós estão na união e na luta por seus objetivos e as vitórias ficam por conta dos objetivos terem sido alcançados.

A HISTÓRIA DO

ZÉ MARMITA.

Capítulo 4.

Como vimos no capítulo 3, Pedro Marreta botou a boca no mundo e falou tanto que os outros ficaram só ouvindo. Várias vezes Zé Marmita tentou falar, mas não houve jeito.

- Ei Pedro Marreta, eu agora quero falar, tô com cosseira na garganta, interrompeu Zé Marmita.

- Olha pessoal, começou ele, vocês me conhecem, sou pai

O direito de greve, segundo a lei

O exercício do direito de greve, embora reconhecido pela Constituição, deve obedecer a um longo ritual, de acordo com a lei em vigor — 4 330, de junho de 1964 — para ser admitido como legítimo. Antes de mais nada, os trabalhadores interessados em deflagrar um movimento dessa natureza por “melhoria ou manutenção das condições de trabalho” precisam procurar o sindicato de sua categoria. A diretoria da entidade convoca uma assembléia geral, por edital em jornais, publicado com antecedência mínima de dez dias. Para a sua realização se exige a presença de dois terços dos associados em primeira convocação ou de um terço em segunda. Entre uma e outra convocação devem decorrer pelo menos dois dias.

Na hipótese de a assembléia, por maioria de votos, se decidir pela greve, a diretoria do sindicato encaminha as reivindicações, por escrito, ao em-

pregador. E este tem cinco dias para dar solução ao que foi pleiteado, sob pena de “abstenção pacífica e temporária do trabalho”. Em todo caso, isto só pode ser feito após mais cinco dias de interregno. Até aí já decorreram vinte dias pelo menos, desde que os trabalhadores decidiram procurar o seu sindicato para entrar em greve.

Contudo, há certas categorias profissionais — como funcionários públicos, empregados em atividades consideradas essenciais (serviços de água, energia elétrica, comunicações, hospitais, vendas de gêneros de primeira necessidade, etc.) — que não podem recorrer à greve em hipótese alguma. E não se admite greve por motivos políticos ou de solidariedade.

A exequibilidade da greve fica assim restrita, na prática, a casos especialíssimos ou óbvios. Como os de atrasos no pagamento de salários aliados à insolvência do empregador ou de não cumprimento, da parte deste, de decisões proferidas em dissídio coletivo. São hipóteses que dispensam as longas formalidades. Ainda assim, os empregados terão de dar um pré-aviso de 72 horas para entrar em greve.

de família, tenho 5 filhos, enfim, vocês tão cansados de me conhecer. Eu vim aqui porque soube desta reunião e como não sabia direito do que se tratava, vim apenas ver. Quando cheguei percebi que o único coroa aqui sou eu, e que a reunião era da garotada. Mesmo assim, como senti que o clima tava meio tenso, resolvi continuar a assistir. Aí — continuou Zê Marmita, veio o Pedro Marreta e botou a boca no mundo, falou da vida dele etc... O que aconteceu comigo foi que tomei conhecimento que não são garotada, não são jovens aí sem ter o que fazer. São jovens, mas são jovens trabalhadores. Quando o Pedro Marreta falou da vida dele, era como se

ele tivesse falando da minha vida. A única diferença - continuou Zê Marmita - é que ele não tem as preocupações de um pai de família. Mas a luta pela vida, o dia a dia da condução, do trabalho, do salário, enfim, é quase igual à minha luta.

- O que acontece hoje em dia - continuou ele - é que o meu salário não dá pra família toda. Eu não gosto de admitir isso, mas é verdade. Quando eu me casei, a história era outra, mas com o tempo parece que a gente vai ganhando menos. Aí, quando vai chegando o fim do mês, e a gente vai vendo que o dinheiro não dá, a gente fica nervoso e desabafa no filho da gente.

- Hoje aqui, estou vendo o outro lado, o lado do filho que quando a gente tá nervoso acha que é um vagabundo, quando ele também tá sofrendo por ter sido mandado embora.

- O que um pai de família ganha hoje, não dá para sustentar a família... se foi o tempo que isso era possível - continuou Zê Marmita.

Chiquinho Miúdo, que até então tava calado, perguntou:

- Mas, seu Zê Marmita, quem é o culpado disso tudo ?

- Olha Chico, eu vou te dar um exemplo. Outro dia eu cheguei cedo no trabalho, aí, como dava tempo, eu fui pro bar, que tem bem em frente à obra. Pedi um café - continuou Zê Marmita - e fiquei ali encostado no balcão olhando a obra. Sabe pessoal, foi a primeira vez que olhei de fora o trabalho. Aí, eu me lembrei que não tinha muito tempo que nós estávamos trabalhando naquele lugar. Quando a gente chegou, tinha uma casinha velha que botamos abaixo e agora, tem um prédio quase pronto. Aí eu vi a capacidade que nós temos de mudar as coisas. Só um grupo de bons trabalhadores e unidos, é capaz de construir aquele prédio em tão pouco tempo. Aí - continuou Zê Marmita - eu vi o nosso valor e o quanto nós eramos unidos.

- Mas aí é que estava meu engano. Nós somos unidos só para dar serviço e entregar nosso couro na construção. Quando é para nós, é um pisando no outro, cada um querendo subir, mesmo que seja preciso pisar e jogar o seu colega na lama. Quem é que ganha com isso ? É o patrão não é ? Pois é, o que eu vi é que nós somos unidos, damos o couro para o patrão ter vida boa.

- Seu Zê Marmita - falou Chico Miúdo - essa desunião que você tá falando vem até dentro do nosso bairro, dentro da nossa própria casa.

- Pois é - disse Zê Marmita - o problema é que a gente vive tão aperreado que só quer pensar é em resolver o nosso problema ... e olha lá. O que eu estou descobrindo aqui, é que sozinho a gente nunca vai conseguir nada. Se o meu problema é muito parecido com o seu, a gente tem que se ajudar. No fundo - con-

tinuou Ze Marmita - a gente acha que pode conseguir as coisas sozinho, seja puxando saco do patrão, seja dando o couro em horas-extra. Tudo isso porque a gente ganha mal. Mas se juntos podemos levantar um prédio, construir navios, estradas, trens, etc..., será que juntos não conseguiríamos resolver nossos problemas?

AGUARDEM PARA O PRÓXIMO CAPÍTULO UM NOVO PARTICIPANTE

LEITOR, ajude o Zê Marmita a contar sua história: escreva para o INFORMATIVO e conte um caso que lhe aconteceu ou dê qualquer outra contribuição. Obrigado.



* Após solicitar que Edval Nunes, preso na última sexta-feira, seja examinado por um médico, Dom Helder Câmara - Arcebispo de Olinda e Recife - ressaltou: "As autoridades estão tão seguras de que não há torturas, que não podem temer a perícia médica que eu pleiteio". Em seu pronunciamento, Dom Helder afirmou que "horroriza-me ver em nossa cidade o clima de violência, exatamente na hora em que se insiste em falar em aberturas democráticas". Na mesma nota acrescenta: "Sequestros e torturas são intoleráveis, que sejam realizados por brigadas vermelhas ou por autoridades". (JB - 18/05/78)

* Em seu discurso de posse, o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luiz Inácio da Silva, o Lula, afirmando que a classe empresarial não quer diálogo com os trabalhadores, disse que: "Está na hora de deixarmos o diálogo de lado e partir para exigir, sem medo de nada". O Lula disse ainda que "está disposto a chegar às últimas consequências para alcançar as aspirações da classe" e convidou os companheiros para essa briga que é de todos, mesmo que tenham de sacrificar seu emprego, sua família e, porque não dizer, até mesmo suas vidas.

* A censura vetou integralmente a publicação do documento "Direitos Humanos e Evangelização" no jornal O São Paulo da Arquidiocese de São Paulo, bem como tudo que se relacionava com as comemorações do 1º de maio. Eis alguns textos do documento: "Temos plena certeza que a redenção hoje requer decidida opção pelos oprimidos, sabendo que é deles que o Senhor se servirá para destronar os poderosos e instaurar um novo mundo de justiça". Mais adiante a nota fala da opção que fizeram: "renunciando aos privilégios e favores, demonstrando o nosso total repúdio pelas estruturas sócio-político-econômicas nacionais e internacionais que oprimem nosso povo". Além disso, o documento destaca que "os pobres começam a sacudir o jugo e a perceber que a redenção está próxima" e que em toda parte "os cristãos de camadas mais pobres se encontram para refletirem, e se organizam, reivindicando melhorias de bairros. Índios, posseiros e bóias-frias começam a tomar consciência da exploração de que são vítimas". (CIC - 09/05/78)

* O Pe. José Celso Pinto da Silva, recebeu no dia 1º de maio, a ordenação episcopal, tendo sido escolhido como o novo bispo-auxiliar do Rio de Janeiro. Em seu discurso, Dom Celso declarou sua disposição de servir o povo de Deus e ressaltou seu compromisso de sempre ficar ao lado dos pobres e operários.

N
O
T
Í
C
I
A
S
D
A
D
I
O
C
E
S
E

1. O 19 de maio, dia internacional dos trabalhadores, foi comemorado em nossa diocese com várias manifestações: missa do trabalhador, teatro popular, e ENCONTRO COM TRABALHADORES de várias comunidades, no Centro de Formação - Moquetã. A presença e participação foram boas. Compareceram quase 200 trabalhadores. Em todas as comemorações ficou claro que se estava comemorando o massacre a que foram submetidos os operários do passado e a exploração que continua atingindo a Classe Operária até hoje, de um modo arbitrário e atroz.

2. No dia 13 de maio p.p., realizou-se no Cepac, o 19 encontro de responsáveis de grupos de evangelização da 1ª Região. O encontro foi muito proveitoso, apesar da ausência de representantes de algumas paróquias. Aproveitando a ocasião (estava em visita ao Instituto de Jovens) Dom Adriano dialogou durante uns 20 minutos com os responsáveis. A turma gostou e alguns pediram a sua visita nas comunidades.

3. Continua se realizando no Cepac, o Curso do Instituto de Jovens. O encontro está ótimo e a frequência tem sido normal.

4. Nos dias 10, 11, 12 e 13 de junho, realizar-se-á na Catedral, a festa do Padroeiro da diocese de Nova Iguaçu: Stº Antônio de Jacutinga. Todas as comunidades estão convidadas a participarem desta tão grandiosa festa.

5. Será inaugurada no próximo dia 12 de junho a CASA DE ORAÇÃO, na Posse. É mais um local disponível aos grupos e às comunidades, para encontros de oração e reflexão. Espera-se a presença de representantes das comunidades.

6. No fim do mês de abril os representantes da Região 2 avaliaram o seu trabalho pastoral. Depois de colocarem os pontos positivos e negativos, chegaram a formular os seguintes pedidos: - preste-se mais atenção aos agentes de pastoral; ao recrutamento de novos agentes; à sua formação espiritual.

- que cada setor da vida paroquial seja confiado a, e dirigido por um agente.

AGENDA PASTORAL - JUNHO de 1978

	ATIVIDADE	HORÁRIO	LOCAL
01	Catequese: Curso Permanente	14.00-17.00	Cepac
	Reunião Conselho Episcopal	15.00-17.00	Cepac
03	Cursilho: Escolas	16.00-18.00	Catedral e Belford Roxo
04	Pastoral da Juventude (coorden.)	09.00-12.00	Cepac
	Catequese: reunião Região 3	14.30	Eng. Pedreira
06	Reunião do Clero	09.00-13.00	Cenfor
	INFORMATIVO Nº 10		
	Missões e Vocações: reunião da equipe diocesana	14.30-16.00	Cepac
07	Missões e Vocações: expediente	14.30-17.00	Cepac
08	Catequese: Curso Permanente	14.00-17.00	Cepac
	Reunião Conselho Episcopal	15.00-17.00	Cepac
09	Encontro de Casais	até 11/06	Cenfor
10	Cursilho: Escolas	16.00-18.00	Catedral e Belford Roxo
	Instituto de Jovens	15.00-18.00	Cepac
11	Catequese: reunião Região 5	15.00	Vilar d. Teles
12	INAUGURAÇÃO CASA DE ORAÇÃO	10.00	Casa de Oração
	Missões e Vocações: reunião da equipe diocesana	14.30-16.00	Cepac
13	FESTA DE SANTO ANTÔNIO		
14	Cursilhos: reunião Secretariado	20.30	Catedral
	Missões e Vocações: DIA DE ORAÇÃO	07.00-19.00	Casa de Oração

	ATIVIDADE	HORÁRIO	LOCAL
15	Catequese: reunião das coordenadoras da Região 3	14.30	Eng. Pedreira
	Catequese: Curso Permanente	14.00-17.00	Cepac
	Reunião Conselho Episcopal	15.00-17.00	Cepac
17	Cursilhos: Escolas	16.00-18.00	Catedral e Belford Roxo
	Catequese: reunião Região 2	14.00	Itaguaí
18	Missões e Vocações: reunião para jovens interessados	08.00-12.00	Cenfor
20	Missões e Vocações: reunião da equipe diocesana	14.30-16.00	Cepac
21	Missões e Vocações: expediente	14.30-17.00	Cepac
22	Catequese: Curso Permanente	14.00-17.00	Cepac
	Reunião Conselho Episcopal	15.00-17.00	Cepac
24	Missões e Vocações: reunião de aprofundamento vocacional	08.00-12.00	Cepac
	Cursilho: Escolas	16.00-18.00	Catedral e Belford Roxo
	Instituto de Jovens	15.00-18.00	Cepac
27	Reunião Conselho Presbiteral	09.00-13.00	Cenfor
28	Cursilho: reunião Secretariado	20.30	Catedral
	Missões e Vocações: expediente	14.30-17.00	Cepac
29	Catequese: Curso Permanente	14.00-17.00	Cepac
	Reunião Conselho Episcopal	15.00-17.00	Cepac

LEITURA PARA TEMPOS DE AMEAÇAS E PERSEGUIÇÕES

CREIO NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA, Dom Pedro Casaldàliga, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1978, pág. 250 (Cr\$ 100,00).

Profissão de fé do bispo de São Félix do Araguaia (MT), a partir da luta pela libertação de seu povo. "O compromisso do pastor é com seu rebanho e não com os lobos que o ameaçam".

DAS CATACUMBAS, Cartas da prisão (1969 - 1971), Frei Betto, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1978, pág. 183 (Cr\$ 100,00).

CARTAS DA PRISÃO (1972 - 1973), Frei Betto, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1977, pág. 232 (Cr\$ 100,00).

O valor maior das cartas do Frei Betto está no testemunho valiosíssimo que informa o processo a que nossa tão dolorosa realidade é submetida pelas consciências não-amortecidas, não-compradas, não-prostituídas. Uma época e uma sociedade em processo, nas quais a voz de Frei Betto ressoa do banco das testemunhas, sem rancores, sem revanchismos, sem apelos a qualquer sublevação, mas sim à elevação das consciências ao nível mais alto da verdade.

O DESERTO É FERTIL, Dom Helder Câmara, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1977, pág. 105 (Cr\$ 60,00).

A justiça e a paz serão estabelecidas ao fim de tortuoso caminho, de longas marchas e contramarchas em que os homens se irão depurando dos ódios, das vaidades e dos preconceitos. Se o ódio pode ser mais forte e mais intenso do que o amor, num curto espaço de tempo, só o amor construirá para sempre.

UM OLHAR SOBRE A CIDADE, Dom Helder Câmara, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1977, pág. 145 (Cr\$ 70,00).

Um olhar sobre todas as cidades - nem Olinda, nem Recife, nem Rio - mas todas ao mesmo tempo. Cidades que Dom Helder vê assustadas e assustadoras, que ele sabe acuadas pelo terror visível e palpável de armas, bombas e ameaças de morte, e pelo terror invisível mas abrangente da falta de amor.